

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pós-Graduação**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pós-Graduação**

Simone Cleuse Marconatto

“Tecnologia, Informação, Comunicação e Educação: quando as áreas da Educação e Comunicação colaboram para contemplar a potencialidade humana em direção ao diálogo e à ação criativa, crítica reflexiva sobre a realidade”

Trabalho de aproveitamento do curso PROESF Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas: PROESF - da Universidade Estadual de Campinas.



**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M36t	<p>Marconatto, Simone Cleuse Tecnologia, informação, comunicação e educação : quando as áreas da Educação e Comunicação colaboram para contemplar a potencialidade humana em direção ao diálogo e à ação criativa, crítica reflexiva sobre a realidade / Simone Cleuse Marconatto. — Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Sérgio Ferreira do Amaral. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Formação continuada. 2. Educação pública. 3. Tecnologia. 4. Informação. 5. Comunicação. I. Amaral, Sérgio Ferreira do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>08-181-BFE</p>
------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tecnologia, Informação, Comunicação e Educação: quando as áreas da Educação e Comunicação colaboram para contemplar a potencialidade humana em direção ao diálogo e à ação criativa, crítica reflexiva sobre a realidade.

Simone Cleuse Marconatto¹

Resumo:

Este trabalho trata de divulgar os resultados das experiências desenvolvidas pela disciplina de Tecnologia e Educação do Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas: PROESF - da Universidade Estadual de Campinas, onde apontamos caminhos para que a rede pública de educação possa inserir como suportes pedagógicos os suportes técnicos que facilitam a produção de conhecimento para o desenvolvimento da habilidade de comunicação e informação na busca de ampliar os referenciais culturais de sua clientela, tornando-a mais reflexiva, crítica e criativa diante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa.

Palavras Chave:

Formação Continuada; TICs: Tecnologia-Informação e Comunicação; Educação Pública

Technology, Information, Communication and Education: when the areas of Education and Communication collaborate to address the potential human towards dialogue and creative action, critical reflective of the reality.

Abstract:

This work comes to disclose the results of experiments carried out by the discipline of Technology and Education of the Special Programme for Training of Teachers on Strike in the Network of Education and Children First series of elementary school of the Municipal Network of Municipalities of the Metropolitan Region of Campinas: PROESF - the State University of Campinas, where ways to indicate that the network of public education can embed media as teaching the technical media that facilitate the production of knowledge for the development of skills of communication and information in seeking to expand the cultural references of their clients, making it more reflective, critical and creative face of content served by the mass media.

Keywords:

Continuing Education; ICTs:-Information and Communication Technology; Public Education

¹ Mestre em Educação, Ciência e Tecnologia – FE UNICAMP e Assistente Pedagógica do Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas nas disciplinas: Tecnologia e Educação, orientada pelo Prof. Dr. Sérgio Ferreira do Amaral e Pensamento Filosófico e Educação- sob orientação dos Profs. Drs. Pedro Goergen e René Trentin

Dedico este trabalho à Lu Vilela que fez parte deste grupo de Assistentes Pedagógicas e deste registro que sempre tornou tudo muito especial em nossas vidas .

Agradecimentos

Aos Coordenadores e Professores deste Programa que enfrentaram todas as barreiras para concretizar uma das funções sociais mais fundamentais das Universidades: democratizar o conhecimento para elevar a qualidade do Educação Pública em nosso País.

Às alunas e alunos que compartilharam conosco os estudos, as idéias, as atividades e fizeram produções importantes para o campo da educação.

Aos colegas de suporte administrativo e funcional que nos apoiaram nos espaços da Faculdade de Educação.

À Rede Municipal de Educação de Campinas que viabilizou nossa participação durante o período de formação para atuarmos como Assistentes Pedagógicos.

Às amigas que se estreitaram ainda mais neste caminho: Aimar, Alexandra, Heloísa, Ieda, Liliana e Roselene.

“... os objetos, os fatos, os acontecimentos, não são presenças isoladas. Um fato está sempre em relação com outro, claro ou oculto. Na percepção da presença de um fato está incluída a percepção das relações com outros. São uma só percepção. Por isto, a forma de perceber os fatos não é diferente da maneira de relacioná-los com outros, encontrando-se condicionadas pela realidade concreta, cultural, em que se acham os homens.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

<i>Resumo</i>	<i>iii</i>
<i>iii</i>	
<i>Dedicatórias</i>	<i>iv</i>
<i>v</i>	
<i>Agradecimentos</i>	<i>v</i>
<i>Epígrafe</i>	<i>vi</i>
1. Apresentação.....	1
2. Uma viagem através da tela, das teclas e dos botões.....	3
3. Revendo o Papel da Mídia na Sociedade.....	6
4. Possibilidades Educomunicativas.....	14
5. Luz, Câmera e Ação.....	17
6. Referências.....	19

1. Apresentação

Este artigo reflete a importância da disciplina de Tecnologia, Informação e Comunicação para o campo da Educação, com destaque para o curso de Pedagogia.

O traçado que realizamos neste trabalho se deu através da atuação de Assistentes Pedagógicas da disciplina de Tecnologia e Educação orientadas pelo Professor Doutor Sérgio Ferreira do Amaral para o Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas: PROESF, na Universidade Estadual de Campinas, voltado especialmente para a formação de educadores que já exercem a profissão. Universidade esta que garantiu e integrou oficialmente este componente curricular para a graduação de Pedagogia.

O curso PROESF é estruturado com objetivo em atender e acolher os profissionais em exercício oriundos das Redes Públicas Municipais com qualidade atendendo à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases Brasileiras da Educação Nacional onde nas Disposições Transitórias em seu Artigo 87 instituiu a Década da Educação, que teve seu início em 1997 e destaca em seu parágrafo quarto a determinação de que até o final 2007 na área da Educação somente seriam admitidos professores habilitados em nível superior.

Pensando em oferecer um curso comprometido na formação teórico-metodológica e também em regulamentar a situação dos educadores e de educadoras ativos nas Secretarias Municipais da Região é que o Programa se propôs inicialmente em disponibilizar 400 vagas para o curso de Pedagogia, mas seu reconhecimento e visibilidade se apontaram através de uma grande demanda e mais 1.200 alunos e alunas puderam se licenciar e o resultado desta experiência na área da Tecnologia, Educação e Comunicação é que vai nos guiar nestas páginas.

A informação anterior é relevante para ressaltar que entre os 1.600 discentes muitos, entre eles, em sua rotina de trabalho e até em sua rotina pessoal não incluíam a usabilidade de suportes tecnológicos, como por exemplo, o computador ou a INTERNET como forma de comunicação, de produção de conhecimento ou de acesso à informação.

Para nosso Orientador e para nós Assistentes Pedagógicas era uma questão chave a democratização dos recursos tecnológicos em uma relação amistosa de aproximação porque seriam eles que viabilizariam a democratização destes suportes em suas escolas com as crianças e este trabalho sem dúvida, indicaria um salto qualitativo para o ensino público.

Intensificamos nossa atenção às pessoas, que até aquele momento, não haviam encontrado nenhuma razão para ter buscado o contato com os instrumentos tecnológicos e que seríamos nós que os apresentaríamos a elas, como já citado anteriormente. Falamos do microcomputador, da INTERNET e de câmeras fotográficas ou filmadoras.

Nesta oportunidade divulgamos as contribuições que observamos para o uso educativo das novas tecnologias de comunicação e de informação na formação dada pela Universidade aos educadores que podem ser motivados a introduzir a abordagem da educomunicação em seus locais de trabalho.

Educomunicação como sendo o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas. (SOARES,2008).

A educomunicação, se inserida nas escolas públicas, abrange uma forma de sustentar e garantir o direito da criança e do jovem em desfrutar dos mecanismos comunicacionais atualmente integrados culturalmente na sociedade.

A criança terá direito à liberdade de expressão; este direito inclui a liberdade de procurar, receber e partilhar informação de todos os tipos, independente de fronteiras, seja oral, escrita ou impressa, na forma de arte ou através de qualquer outro meio de escolha da criança. (Convenção da ONU sobre os direitos da Criança e do Adolescente, 1989).

Deparamos-nos com a pertinência e a oportunidade de planejar um trabalho diante das potencialidades das Novas Tecnologias que podem ser aplicadas à Educação e que ganha vida para desfrutar deste direito promulgado para as crianças e jovens do mundo inteiro e que, naquele momento, oferecemos uma formação a uma parcela de profissionais da educação em exercício pela primeira vez.

2. Uma viagem através da tela, das teclas e dos botões

Foi uma provocação que aceitamos em desenvolver a disciplina com encontros que intercalavam com textos escritos, apresentação de vídeos, dinâmicas, debates e visitas ao Laboratório de Informática. No desenrolar de nossas aulas nossas alunas e alunos registravam suas produções no espaço virtual TelEduc² onde, ao longo do semestre, era permitido o exercício e a frequência com as ferramentas disponíveis no próprio ambiente virtual educativo que tem a seguinte organização:

Estrutura do Ambiente: contém informações sobre o funcionamento do ambiente TelEduc.

Dinâmica do Curso: contém informações sobre a metodologia e a organização geral do curso.

Agenda: é a página de entrada do ambiente e do curso em andamento. Traz a programação de um determinado período do curso (diária, semanal, etc.).

Atividades: apresenta as atividades a serem realizadas durante o curso.

Material de Apoio: apresenta informações úteis relacionadas à temática do curso, subsidiando o desenvolvimento das atividades propostas.

Leituras: apresenta artigos relacionados à temática do curso, podendo incluir sugestões de revistas, jornais, endereços na Web, etc.

Enquetes: ferramenta para criação de enquetes

Mural: espaço reservado para que todos os participantes possam disponibilizar informações consideradas relevantes para o contexto do curso.

Parada Obrigatória: contém materiais que visam desencadear reflexões e discussões entre os participantes ao longo do curso.

Fóruns de Discussão: permite acesso a uma página que contém tópicos que estão em discussão naquele momento do curso. O acompanhamento da discussão se dá por meio da visualização de forma estruturada das mensagens já enviadas e a participação, por meio do envio de mensagens.

Correio: trata-se de um sistema de correio eletrônico interno ao ambiente. Assim, todos os participantes de um curso podem enviar e receber mensagens através deste correio. Todos, a

² Estrutura retirada do site: http://quimera.nied.unicamp.br/~teleduc4/pagina_inicial/estrutura.php. Acesso em 03/04/2008

cada acesso, devem consultar seu conteúdo recurso a fim de verificar as novas mensagens recebidas.

Grupos: permite a criação de grupos de pessoas para facilitar a distribuição e/ou desenvolvimento de tarefas.

Perfil: trata-se de um espaço reservado para que cada participante do curso possa se apresentar aos demais de maneira informal, descrevendo suas principais características, além de permitir a edição de dados pessoais. O objetivo fundamental do Perfil é fornecer um mecanismo para que os participantes possam se "conhecer a distância" visando ações de comprometimento entre o grupo. Além disso, favorece a escolha de parceiros para o desenvolvimento de atividades do curso (formação de grupos de pessoas com interesses em comum).

Diário de Bordo: como o nome sugere, trata-se de um espaço reservado para que cada um possa registrar suas experiências ao longo do curso: sucessos, dificuldades, dúvidas, anseios visando proporcionar meios que desencadeiem um processo reflexivo a respeito do seu processo de aprendizagem. As anotações pessoais podem ser compartilhadas ou não com os demais. Em caso positivo, podem ser lidas e/ou comentadas pelas outras pessoas, servindo também como um outro meio de comunicação.

Portfólio: nesta ferramenta os participantes do curso podem armazenar textos e arquivos utilizados e/ou desenvolvidos durante o curso, bem como endereços da Internet. Esses dados podem ser particulares, compartilhados apenas com os formadores ou compartilhados com todos os participantes do curso. Cada participante pode ver os demais portfólios e comentá-los se assim o desejar.

Acessos: permite acompanhar a frequência de acesso dos usuários ao curso e às suas ferramentas.

Busca: permite a busca de informação por todas as ferramentas disponíveis do TelEduc.

Para se ter acesso ao TelEduc, todos alunos e alunas deveriam abrir um e-mail, pois seria este o caminho para se obter a senha de acesso ao ambiente de sala de aula virtual de nossa disciplina,

Para alguns que já estavam transitando pela INTERNET não havia nenhum grau de complicação, porém para outros, esta seria a sua primeira experiência com a virtualidade e este momento foi crucial para denotar a iniciativa de que as pessoas dispunham em trabalhar

em colaboração, porque cada turma tinha 40 alunos e assim conseguimos desmistificar que seria impossível atender este critério mínimo para iniciar nossas atividades.

Foi nesta ocasião, que muitos reconheceram que atualmente é o público cada vez mais jovem que se apropria com mais facilidade de suportes tecnológicos, que tornam mais velozes os processos de comunicação.

Este fato mostrou que é na atuação do educador da rede pública que se pode pensar em escolher, apoiar e participar da democratização dos suportes que habilitam a ação educacional em suas escolas. Escolas estas, que atendem geralmente, comunidades moradoras de regiões periféricas das cidades.

Como a ação educacional ocorre dentro de um ecossistema comunicativo que está sempre, e necessariamente, em construção, seu aperfeiçoamento é importante e deve no início evitar rejeições e conflitos com os educadores e agentes sociais que defendem concepções mais tradicionais de relações humanas nos espaços educativos. Para tanto, é interessante começar a partir dos pontos de consenso como, por exemplo, a necessidade de se melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação³.

Assim, nós Assistentes Pedagógicos, buscamos durante o semestre em que atuamos aproximar as alunas e alunos dos suportes tecnológicos, como acesso à INTERNET, às câmeras fotográficas, filmadora e editores de imagens e de textos com o mínimo de tranquilidade exigida para que eles fossem multiplicadores e inovadores desta prática em seu cenário profissional.

Agimos neste caminho por pensar que a atuação dos educadores nas escolas pode inserir um planejamento, integrando essas tecnologias para ampliar as competências comunicativas das crianças e jovens, realizando a prática que Belloni (2001) nomeia de mídia-educação.

A qual vamos nos dedicar a seguir.

³ Cf. Ismar de Oliveira SOARES. *Ecossistemas Comunicativos*, p. 1.

3. Revendo o Papel da Mídia na Sociedade

Se fez necessário mostrar um panorama das conseqüências dos impactos que os meios de comunicação provocam nas relações sociais e qual é a abrangência que o cenário educacional pode atingir e para tal pensamos e escolhemos o conceito da mídia-educacional.

Para clarificar com qual idéia de educação e comunicação que temos em foco, nos valem da seguinte citação:

A perspectiva, ... é aquela que acredita na educação e na comunicação como instrumento de luta para emancipação dos indivíduos e das classes, e não apenas como meras estruturas de dominação e reprodução de desigualdades sociais. É decorrência desta perspectiva, de uma ciência voltada para a mudança, acreditar na escola pública como locus privilegiado de formação para a cidadania e como meio de compensação das desigualdades sociais. (BELLONI, 2001, p. 2-3).

As áreas comunicação e educação têm buscado uma associação no campo teórico e prático para realizarem um enfrentamento de natureza social, por várias razões, aqui daremos destaque a duas delas: a primeira, traz a preocupação com o tipo de aquisição de conhecimento fragmentado e acrítico que pode ser facilitada com novos modelos de explicação da realidade à qual abordaremos com mais aprofundamento a seguir; a segunda razão se deve ao tempo em que crianças e jovens gastam em frente à televisão que, por vezes, pode ser bem maior do que o tempo que ficam na escola.⁴

Para tratarmos do primeiro aspecto que se refere à explicação que possa ser dada à realidade hoje, através da presença das mídias que dinamizam processos de informação e comunicação, é que ao olharmos para esta dinâmica percebemos que ela chega a preocupar tanto a área da comunicação quanto à da educação, pois sabem que a cultura é afetada por ela.⁵

As duas áreas se vêm comprometidas em trabalhar objetivando um trabalho atento aos aspectos: cognitivo, crítico e comportamental que promova uma postura formativa e libertadora diante das mídias.

Nosso curso foi mais um espaço onde pudemos pensar em dar destaque para as tendências que estamos suscetíveis à compreensão da realidade, diante dos estilos em que os conteúdos estão sendo veiculados pelos meios de comunicação de massa e assim percebermos

⁴ cf. Cecília Von FEILITZEN. *Educação para a mídia, participação infantil e democracia*, p. 19- 31.

⁵ Maria Cristina Castilho COSTA, *Educominacador é preciso*, passim.

o diminuto de pensar que cabe ao ouvinte ou ao telespectador na formação de opinião, na construção do conhecimento, na reflexão sobre a construção dos processos sociais.

No momento de planejar nossos encontros, selecionamos autores, dinâmicas, metodologias que objetivassem o desencadear de um olhar cuidadoso, como sugere Chauí (2006), para a realidade brasileira, onde a maior parte da população é expectadora de programas divulgados em canais de TV abertos, que se pautam em expor ou consultar opiniões ou sentimentos e se afastam de informar sobre os fatos. Quase todos os programas se atêm em divulgar estereótipos idealizados de dona de casa, de jovens, de crianças, de famílias.

Na abordagem de Chauí (2006), algumas personagens criadas neste ambiente televisivo ganham à confiabilidade do público, quando elas representam em propaganda, que é o maior conteúdo dos meios de comunicação de massa, e instigam as pessoas ao consumo exacerbado pela força do apelo da linguagem publicitária.

A propaganda, e não apenas ela, mas novelas, entrevistas, programas com animadores de auditório e até telejornais, invadem o tempo da informação com conteúdos socialmente qualificados e pertinentes. Sendo assim, estas informações, quando repassadas, o são através da visão de especialistas de maneira fragmentada.

A informação se fragmenta quando os meios deixam de informar os fatos para emitirem juízo de valor sobre eles e assim o fazendo, ativam um efeito que atinge um grande público que já não pensa mais sobre os fatos e atribui esta responsabilidade aos comunicadores destes meios.

O conteúdo veiculado por esses meios está controlado a não mais que 10 ou 12 conglomerados empresariais que, segundo Chauí (2006), controlam por vezes, até alguns meios eletrônicos digitais.

A autora conclui que o resultado deste proceder das mídias de massa mescla os códigos da vida pública com os da vida privada, gerando uma desordem entre seus espaços, assim, as relações políticas e sociais referentes a interesses e direitos regulados por instituições de responsabilidade do Estado, se esvaziam.

A concepção do esvaziamento das funções do Estado pode ser explicada pelo poder da mídia sobre as pessoas que se prendem com questões das relações interpessoais e intersubjetivas, onde sentimentos, preferências e gostos, se sobrepõem à reivindicação das incumbências das políticas públicas sociais.

Para dar destaque a esta questão projetamos o filme “Mera Coincidência” (1997), cujo título original é “Wag the Dog” seu teor se destina a desviar a atenção do público de um escândalo sexual envolvendo o presidente norte-americano às vésperas de uma eleição. Uma

equipe de relações públicas resolve contratar um cineasta (Dustin Hoffman) para criar uma guerra fictícia. Os assessores do presidente acharam a idéia absurda mas acabaram participando da farsa.

O roteiro de Hilary Henkin e David Mamet baseado no romance de Larry Beinhart funciona como uma sátira a uma situação real e o que é feito para rir acaba se tornando um tema para reflexão: até que ponto o que estamos vendo é realmente fictício?

A partir deste aquecimento, delineamos para educadores em exercício na profissão, uma proposta em abrir caminhos para uma prática docente de desvendamento diante do poder das mídias, motivando a participação na produção de conhecimento e de conteúdos com as crianças e jovens da rede pública de educação, fundamentada na educomunicação.

[...] Mas é mostrando aos jovens como, realmente, por trás dessas antenas todas voando delas, há uma ideologia, toda uma compreensão de mundo e da realidade, uma compreensão da beleza e da feiúra, do sexo, da raça, da classe, que corresponde à ideologia precisa de quem tem o poder, de quem está no poder. Isto está entrando normalmente, nas casas de todo mundo. E doméstica, em grande parte. (FREIRE, 2003, p. 31).

No caso, para trazermos à tona a temática que envolve o poder das mídias sob o telespectador, realizamos a seleção de ações a serem desenvolvidas durante nossos encontros para que, alunas e alunos refletissem sobre o tipo de relação que já poderiam ter estabelecido com os meios de comunicação de massa, compreendendo até que ponto esta relação pode interferir na sua conduta, não apenas na vida pessoal ou social, mas principalmente na atuação profissional.

Nosso objetivo era contrapor a passividade humana diante dos meios de comunicação e deflagrar que o telespectador, em sua rotina, passa a confirmar, divulgar, reproduzir e propagar seu conteúdo, ao invés de contextualizá-lo, confrontá-lo, questioná-lo.

Para a maior parte das pessoas que consomem as mídias de massa: TV, rádio ou jornal, cabe somente sentir os fatos e não compreendê-los, (Chauí, 2006).

Encontramos em Arbex Jr. (1997) um trabalho de linguagem simples, direta e pertinente que contempla a abordagem ampla de temas, como a prioridade atribuída à programação da TV no dia a dia das pessoas; o quanto o seu conteúdo condiciona o imaginário do telespectador através dos elementos: sons, cores, velocidade de sucessão de imagens na apresentação de produtos destinados ao consumo; a formação banalizante de esteriótipos para padrões rígidos de beleza e de moda; a aquisição da linguagem; a absorção de conceitos antiéticos que abrangem os julgamentos que ora defendem a legalidade e ora defendem a ilegalidade dos fatos, relativizando assim, a idéia de certo e errado nas práticas

sociais e a enganosa participação em tomadas de decisão em realitys shows com fortes apelos sexuais.

Levamos em consideração que a organização do tempo familiar pode estar estruturada, para um número considerável de famílias, em assistir as programas televisivos. Realizamos um apontamento que demonstra seus efeitos para o perfil da mulher brasileira

... o caso específico do Brasil, efetuou-se um estudo etnográfico de mídia sobre como as mulheres brasileiras de baixa renda usavam a televisão, e telenovelas em específico, nas suas vidas quotidianas. O estudo de caso revelou a existência de uma esfera híbrida de significação, uma zona cinza que interliga os elementos de domesticidade (lar/moradia e comunidades interpretativas) e cultura de vizinhança. Ela expressou uma organização especial de tempo e espaço, ligado à um código de conduta especial, tudo criando uma esfera que é principal na formação do self, de identidade - uma identidade brasileira específica, fortemente nascida da emoção, tendo as telenovelas como agentes principais.(TUFTE, 1997)

Os temas e preocupações acima descritos foram abordados com a finalidade de promover estudos, debates e dinâmicas e de onde recortamos relatos que se seguem, para verificação das metas atribuídas para esta ação:

B. S. da Turma B, em 05/08/2002, disse: “- Nós professores somos telespectadores ativos, porém as políticas públicas da Educação não priorizam o investimento em nossa formação para aprendermos a produzir, programar e a assistir a linguagem audiovisual midiática e, quem é que perde com isso? Os alunos. Já a implantação dos laboratórios de informática nas escolas foram concluídas por meio de uma visão tecnocrata, por isso é limitada ao acreditar que bastou a criação do espaço sem preparar um usuário crítico. É assim que avaliamos o insucesso desta ação, será necessário investir na formação docente para trabalhar com a linguagem audiovisual e seus componentes antes de colocá-lo para trabalhar apenas com a informática em si mesma.”

Em 12/09/2002, numa dinâmica após a leitura do texto, um grupo de alunas/os da Turma E, representou, ao fundo musical de Titãs: “a televisão me deixou burro, muito burro demais, agora todas coisas que eu vejo me parecem normais”, um noticiário para mostrar o descompromisso do telejornalismo ao passar informações descontextualizadas. Na representação, uma prefeita era acusada de desvio de verba pública e se retratava entregando cestas básicas aos sem terra.

O seguinte depoimento, dado por B.M., da Turma B, em 15/09/2005, também se refere às informações passadas pela TV: “- Sempre depois de noticiar uma grande desgraça a programação segue com algum momento de glória, o noticiário também segue o modelo da

novela, ele desenvolve seus blocos como se fossem capítulos, em recortes editados, o que contribui para enfraquecer os fatos e só é permitido assistir o que foi filtrado pela mídia.”

A narrativa de A.R. da Turma A, em 01/09/2003, merece menção: “-Ficamos condicionados a receber as informações, mesmo que sendo deformadas, banalizadas, desumanizadas, fragmentadas, controladas, porém prontas e já não mais pensamos sobre elas, apenas reproduzimos o que ouvimos, é um empobrecimento da reflexão.”

Para dar destaque a importância da TV na vida das pessoas, temos o registro de H.B. da Turma H, em 23/09/2004: “- Realmente, antes de ler este texto, não percebia meu comportamento diante da TV na hora da novela, quantas vezes deixei de dar atenção à minha família ou de realizar alguma atividade importante, para assisti-la. Quando ela começava, todo o movimento da minha vida era abandonado, é um existir sem viver, uma solidão coletiva.”

Sobre o poder de reverter a ética, os valores morais, os direitos humanos, relatamos a fala de A.L. da Turma A, em 05/09/2005: “- A TV é mais perigosa que a rua porque o bem e o mal se confundem.”

Para enfatizar que a participação em tomada de decisões é falsa, em programas como: “Você Decide” ou “Big Brother”, demos destaque a seguinte declaração de B.A. da Turma B, em 29/09/2005: “- Quem pode realmente escolher uma situação de fechamento de uma situação encenada em um programa de TV? Quando se tem a limitação entre duas possibilidades pobres de sustentação social, bem de longe, podemos, com este tipo falseado de interação, ter uma sensação de tranquilidade consciente, daí o rebaixamento para o entretenimento em realitys shows, onde se abre espaço para tomadas de decisões sem sentido político relevante, mas com grande índice de audiência, uma anestesia onde o expectador se abandona. A tela é um limite, mas a pessoa se sente como se estivesse dentro dela.”

Para elencar a submissão aos padrões rigorosos de beleza, de papéis sociais, do consumo e ainda da linguagem imposta pela TV, um grupo, da turma H, em 11/09/2003 realizou um paralelo da tela como um falso espelho, assim como o mito de Narciso, o expectador vive a vida da personagem, se entregam aos condicionamentos dos desejos que são despertados pelos elementos que constituem a linguagem televisiva e passa a usar as roupas, as falas e, às vezes, até se comporta como se estivesse desempenhando um papel que tenha se identificado. O telespectador é o reflexo e a personagem lhe rouba a existência.

A.C. da Turma A, em 13/09/2004, disse: “- Hoje em dia é muito raro uma família que tenha apenas um aparelho de TV, porque ela tem um lugar central em sua casa, porque os seus membros falam como ela fala, se vestem como ela manda, se comportam como ela mostra. É um viver inconsciente e sem escolha, tudo parece perfeito. Estamos em um tempo de

consciência industrializada. As imagens não são do mundo, estamos em um mundo de imagens como no Mito da Caverna de Platão, acreditamos no que vemos na TV e não mais no que acontece na vida real.”

[...] Se me perguntas: “Paulo, o que é que você acha da televisão?” eu te respondo: para mim, a televisão não pode ser compreendida em si. Ela não é um instrumento puramente técnico, o uso dela é político. (FREIRE, 2003, p. 8)

Na escola podemos apresentar às crianças e aos jovens como podem ser afetados pelos conteúdos veiculados, principalmente pela televisão.

Para Setzer (2001), quando estamos diante da TV, fisicamente ficamos inativos, somente a visão e a audição trabalham minimamente, o pensamento pode ficar desestimulado, num estado de desatenção, sonolência de semi-hipnose.

A passividade física e o olhar fixo colaboram para esta inanição, a única dimensão ativa é a dos sentimentos, por isso os programas abusam de conflitos, do perigo, da ação e da violência transformando tudo em show, inclusive a política e a educação. As pessoas acostumadas ao padrão de apresentação televisivo, quando diante de outro tipo de exposição, se sentem entediadas.

[...] a escola tem de brigar com as novas presenças que se vêm em torno dela. Presenças que vêm surgindo em função do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, e que no campo da comunicação, a superam de longe, (ri) de longe! Aliás, se tu comparas a escola com esses meios que vêm emergindo no campo da comunicação com profunda dinâmica, ... podes observar como a escola é estática, perto deles! (FREIRE, 2003, p. 36).

Com a intenção de realizarmos uma releitura do conteúdo dos meios de comunicação de massa com nossos alunos e alunas nos decidimos à direção de cruzar referências outras, de patrimônio cultural: “[...] a mídia não fala a não ser em função das competências culturais do receptor.” (BAKHTIN apud FREIRE; GUIMARÃES, 2003, p. 11).

Acrescentado a este fim, o fato de que o curso do PROESF atendeu uma demanda, de aproximadamente, mil e seiscentos profissionais da Educação Infantil e das séries Iniciais da Educação Fundamental e como os filmes e desenhos da Disney são comumente apresentados nas escolas para as crianças adotamos Giroux (1995), como referência teórica para tratarmos da Cultura Infantil para elevar a consciência sobre a influência desta prática para a Infância.

[...] as identidades individuais e coletivas das crianças e dos/as jovens são amplamente moldadas, política e pedagogicamente, na cultura visual popular dos videogames, da televisão, do cinema e até mesmo em locais de lazer como shopping centers e parques de diversão. (GIROUX, apud SILVA; MOREIRA, 1995, p. 50).

Para o autor Giroux (1995), os filmes e desenhos animados com versões hollywoodianas são máquinas de ensinar papéis específicos de família feliz, de visões machistas, de supremacia étnica e patriota que ultrapassam as fronteiras do divertimento e são muito mais persuasivos do que as instituições: escola, igreja ou a família, por contar com os efeitos cada vez mais fantásticos, oriundos dos avanços tecnológicos para a produção de imagens e sons que encanta, além de se apoiar à enorme competência de marketing e de merchandising remetidos à esfera comercial de consumo e mercantilização de seus produtos.

Ao debatermos estas questões realizamos as anotações de depoimentos para análise e divulgação posterior, como por exemplo:

B.M. da Turma B, em 18/11/2002, disse: “- Se utilizamos o recurso da projeção de desenhos e depois inibimos o diálogo estamos motivando a alienação” ;

B.P. da Turma B em 17/11/2005, declara que: “- Eu sou colecionadora dos filmes da Disney e só mostro estes filmes para minhas crianças, agora percebo que deveria ter buscado outros referências, ou ter olhado com menos ingenuidade para o seu conteúdo.” ;

M. F. da Turma H, em 13/11/2003, nos conta que: “- Hoje na literatura e em poucas produções audiovisuais, podemos ter acesso à diferentes versões sobre as estórias infantis, como ‘O Chapeuzinho Vermelho’, e esta possibilidade de contar a estória com desenrolar e desfechos diferentes desestabilizam os valores morais que são tradicionalmente transmitidos.”;

M.T. da Turma H, em 25/11/2004, disse: “- Todo professor deve conhecer, antecipadamente e muito bem, todo o roteiro de desenho ou filme. Não só isso, como também todos os aspectos e possibilidades que os recursos pedagógicos têm antes de levá-los para a sala de aula, assim ele vai conseguir dialogar depois com seus alunos, para estimular a sua capacidade crítica.”

Propomos que cada grupo de alunas/os escolhesse um desenho da Disney para assistir e selecionassem uma cena para projetar para sua turma para destacar os aspectos observados no texto de Giroux (1995), para provocar argumentações para discussão coletiva. Para fins de demonstração de resultados, trazemos algumas seleções coletadas em 03/11/2003 da Turma A, como observamos a seguir:

A.A. trouxe-nos a seguinte colaboração encontrada no desenho “Toy Story 2”: o vilão tinha o nome de Al, e ele se personifica com características do Oriente Médio.”

A.H. fez o seguinte recorte no desenho “Aladin”: o herói é um ladrão de feira.”;

A.P. escolheu o seguinte trecho de “Branca de Neve e os sete anões”: as cenas com os anõezinhos se centram em relações voltadas ao trabalho, e as características da bruxa estão fortemente relacionadas às características da velhice.”

C.R. fez a seleção do filme O Rei Leão, mostrando a disputa pelo poder entre dois irmãos. O Rei bom é assassinado e substituído pelo irmão mal que subjuga as fêmeas do bando, deflagrando a posição submissa feminina na sociedade.”

A. N. escolheu a cena do desenho “A Bela e a Fera”, onde uma moça intelectualizada não se interessa por comportamento grosseiro, ou se afasta ou impõe os bons modos, mostrando que não é possível a convivência na diversidade social.

Verificamos que o entendimento das alunas e dos alunos sobre a potencialidade que o campo da educação tem ao ser chamado a realizar um enfrentamento da prática social foi alcançado.

Assim como perceberam que passou a ser habitual e condicionada a ação do ser humano de se colocar em frente ao aparelho de TV e dedicar horas de sua vida consumindo passivamente seu conteúdo.

Partindo deste cenário nos dispusemos a motivar reflexões que objetivassem uma postura crítica diante dos meios de comunicação para que a condição passiva do telespectador fosse alterada e na seqüência verificaremos o rumo dado à esta motivação.

4. Possibilidades Educomunicativas

Esta condição pode ser alterada com propostas que incluam a tecnologia, informação e comunicação em direção ao desenvolvimento de outras habilidades, como por exemplo, de criticar, questionar o conteúdo existente nas mídias de massa e de estimular a produção cultural escolar criativa e reflexiva de outros conteúdos audiovisuais.

[...] os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são o resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana, da ciência desenvolvida pelo ser humano. (FREIRE, 2003, p. 35).

Conforme declaração de Sartori (2001), o homem passou de Homo sapiens para videns, considerando que as formas de comunicação foram sendo construídas pelos saltos tecnológicos que podemos traçar historicamente, de oral para diversas simbologias: escrita, visual, considerando que a escrita também seja visual, sonora e com a junção do audiovisual.

Com os avanços técnicos, os meios se tornaram múltiplos e hoje atingiu a digitalização das mídias em sons e imagens de realidades, entre elas as simuladas ou virtuais.

O autor Sartori (2001) chama este momento de processo revolucionário dos meios de comunicação que se iniciou com a possibilidade de imprimir, telegrafar, telefonar, fotografar, filmar, a utilização da multimídia digital.

A capacidade humana de telever ou de ver à distância cria uma outra instância em sua natureza: o de ser vidente, (Sartori, 2001).

Mesmo antes de aprender a ler ou escrever, o ser humano contemporâneo teve um intenso contato com a televisão e neste contexto a natureza ganha esta dimensão visual, não que não a tivesse anteriormente à criação do aparelho de TV, é que diante dele, o sentido mais solicitado é o da visão e depois dela o da audição.

O progresso tecnológico pode gerar temor, combate e objeções quanto à idéia que alguns têm de que ele poderia substituir o trabalho humano, ou ainda, porque seu conteúdo, por muitas vezes, é enganoso, porém a criança e o jovem de todas as classes sociais partilham de maneiras diferentes da programação televisiva e das possibilidades do uso do computador, (Setzer, 2001).

Chamamos atenção ao fato de que, entre nossas alunas e alunos, existia um número significativo de pessoas com a concepção acima descrita e que seríamos nós a confrontar este pensamento unidirecionado para outras vias do uso de instrumentos midiáticos em sala de aula.

A escola convive há 20 anos com a linguagem audiovisual, rádio, TV, cinema, mas com a chegada do computador o limite entre a educação e a comunicação foi rompido, (Costa, 2001).

Os filhos da classe trabalhadora em oposição aos filhos das classes com maior poder aquisitivo, não possuem os mesmos acessos à Internet, às câmeras fotográficas ou filmadoras analógicas ou digitais, ao computador, Ipod, aos canais fechados de televisão, Palm touch, modelos sofisticados de celulares, MP4, note book, etc, esta distância gera diferenças na forma de pensar, de raciocinar, de operar socialmente.

Por esta razão afirmamos que a criança e o jovem podem iniciar, o quanto antes, um processo de ensino e aprendizagem que os coloquem em contato com as novas tecnologias de informação e comunicação. Podemos atribuir a estes suportes tecnológicos possibilidades de interação, inovação de seu conteúdo em direção a mudança nas formas de pensar, comunicar, anunciar e interagir na e com a sociedade.

Assim pensando decidimos que a avaliação final de nossa disciplina seria a produção realizada por grupos de alunas/os de uma produção de curta metragem, onde fosse passada a mensagem do que foi aprendido ao longo do semestre.

Iniciamos o processo de ensino e aprendizagem de todos os elementos que envolvem a produção audiovisual: escolha de temas, roteiros, cenários, figurinos, sonoplastia, estilos, tomadas, etc.

Preocupados com a liberdade da escolha do suporte, oferecemos: desenho, massinha, fotografia, filmagens, com possibilidade de formatá-los em ilha de edição, movie maker ou o power point.

Ao divulgar como seria a avaliação final, a novidade da proposta em princípio atordoava os grupos, mas com o desenrolar de cada movimento necessário para a realização do projeto percebíamos a autoconfiança tomando o lugar da insegurança e sentimos como aquele conhecimento era único e prazeroso, porque envolvia a capacidade de criar algo novo, de comunicar, de atingir o outro.

Agendamos, a cada final de curso, a noite de estréia das produções de curta metragem, era uma noite de muita expectativa para todos os presentes, porque iríamos conhecer todos os trabalhos, além de ser uma oportunidade de reunir todas as turmas. A cada exibição observávamos a forte emoção provocada pela realização desta tarefa que quando apresentada parecia impossível de ser executada, foi assim que avaliamos a seriedade e a intensidade do trabalho que pode atingir a escola pública e a universidade, através das mensagens que fazem parte do patrimônio acadêmico da Faculdade de Educação da UNICAMP, assim como, do

patrimônio cultural de todos nós que participamos desta experiência, porque o melhor crítico é aquele que também sabe fazer.

Nosso plano agora seria produzir um trabalho onde pudéssemos avaliar se tínhamos atingido nosso objetivo.

Estabelecemos que avaliaríamos nossa disciplina através de uma produção audiovisual que pudesse denotar o quanto havíamos desequilibrado antigos conceitos e o quanto novos conhecimentos poderiam ser revelados e este será o mote de nossa próxima etapa.

6. Luz, Câmera e Ação

Foi neste percurso, das atividades descritas e outras além desenvolvidas, no PROESF pela disciplina: Tecnologia e Educação, coordenada prática e teoricamente, que empreendemos forças para alcançar o objetivo de possibilitar a inserção dos suportes técnicos como ferramentas pedagógicas na prática profissional dos educadores que atuam nas redes públicas de educação, contribuindo assim pela melhoria da qualidade de educação de nossas crianças e jovens das camadas populares.

Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores; pesquisa voltada para metodologias de ensino, nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos: materiais didáticos e pedagógicos, além de muita, muita criatividade. (BELLONI, 2001, p. 10).

Alguns aspectos de nossa sociedade apóiam este processo de inclusão das novas tecnologias educacionais, como por exemplo, algumas crianças consomem indiscriminadamente os conteúdos televisivos e acabam se familiarizando com os aspectos técnicos, estilos, elementos estéticos, (Belloni, 2001).

Segundo Costa (2001), a globalização e a revolução tecnológica provocam o desenvolvimento mais intenso do raciocínio lógico – abstrato e da criatividade, porque os mais novos em contato direto e intenso com as mídias recebem muito mais informação e mensagens sedutoras do que a escola oferece.

Conhecer e se comunicar através do computador extrapolou as horas de lazer e mostrou uma possibilidade pedagógica antes não experimentada.

Pensar e expressar através das imagens e sons abre espaço para aliar pedagogicamente o prazer, o entretenimento e o trabalho com o ambiente sócio-cultural da comunidade escolar, onde são desvendadas suas necessidades e, delas advém a cognição e a intersubjetividade da expressão.

Para os educadores, inserir as ferramentas midiáticas representa convidar e trazer o aluno para as experiências cotidianas.

Greenfield (1988) divulgou os resultados de sua pesquisa que analisou as aptidões mais desenvolvidas em crianças que assistem muita TV e concluiu que possuem grande facilidade em construir conceitos de espaço-tempo, compreendem as relações entre o todo e suas partes, identificam ângulos das tomadas de imagens, ou seja, têm modificada a maneira

de ver as coisas e de internalizar as teorias, elas são favorecidas em atingir o pensamento cognitivo abstrato, porque são sensíveis à perspectiva e à interatividade.

Para Turkle (1997), quanto maior o contato com as mídias, mais oportunidades têm o ser humano, de desenvolver sua autonomia através de competências adquiridas, de organizar e planejar tempo e tarefas, de responder a testes e formulários, de operacionalizar suportes técnicos, de representar papéis, de compreender e interagir nos domínios virtuais.

Trabalhar com a câmera de vídeo, máquina fotográfica, gravador, computador exige do educador mais vontade política do que habilidade.

No contato com o suporte e na busca de se expressar com a sua utilização percebemos essa agitação em revelar algo novo, inusitado, surpreendente, este processo gera a criatividade no diálogo social.

[...] À medida que uma civilização vai-se tornando mais complexa, vai-se ampliando e revestindo-se de formas mais variadas, e que as técnicas de produção e a própria vida social vão se organizando de maneira mais perfeita, o velho solo cultural vai sendo gradualmente coberto por uma nova camada de idéias, sistemas de pensamento e conhecimento; doutrinas, regras e regulamentos; normas morais e convenções[...] (HUIZINGA, 2005, p. 85).

Com a efetivação de nosso trabalho com as turmas do PROESF fomos observando em nossos alunos e alunas o quanto as leituras e propostas de atividades provocavam a transformação da sua prática docente.

[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais, que o acesso desigual a estas máquinas está gerando. (BELLONI, 2001, p. 10).

A escola pública que atende os filhos e as filhas das camadas mais populares deve legitimar sua ação histórico-cultural, tendo como princípio, a democratização dos suportes técnicos disponíveis e desenvolvidos socialmente para ampliar a potencialidade comunicativa de sua clientela, no sentido de ter como eixo do projeto político pedagógico a finalidade de tornar a sociedade mais justa, livre, feliz e com igualdade de oportunidades.

REFERÊNCIAS:

- ARBEX JR., J. **Televisão e Cotidiano: entre o imaginário e o real.** In KUPSTAS, M. (Org.). Comunicação em Debate. São Paulo: Moderna, 1997. p. 69 - 91
- BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BAKHTIN, M. In FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação.** v. 1. SP: Paz e Terra, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder: uma análise da mídia.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicador é Preciso.** In Cadernos de educomunicação. São Paulo: Editora Salesiana, 2001. Cap. 4
- FREIRE Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação.** v. 1. - SP: Paz e Terra, 1982.
_____. **Sobre Educação.** v. 2. - SP: Paz e Terra, 2003.
- GIROUX, H.A. **A Disneyzação da Cultura Infantil.** In SILVA, T.T. e MOREIRA A. F. Território Contestados. São Paulo: Vozes, 1995.
- GREENFIELD, P. M. **O Desenvolvimento do Raciocínio na Era Eletrônica.** – São Paulo: Summus, 1988.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura;** Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perpectiva, 2005.
- SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: televisão e pós modernidade.** Trad. Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.
- SETZER, Valdemar W. **Meios Eletrônicos e Educação: uma visão alternativa.** São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- SOARES. I. O. **Alfabetização e Educomunicação O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida.** <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>. Acesso em 12/03/2008.
- _____. **Ecosistemas Comunicativos.** <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>. Acesso em 02/03/2008
- TUFTE Thomas. **Televisão, modernidade e vida quotidiana discussão sobre o trabalho de Roger Silverstone face a diferentes contextos culturais.** <http://www.intexto.ufrgs.br/img/cinza.gif>. Acesso em 25/02/2008.
- TURKLE, S. **Lês enfants de L'ordinanateur.** Paris: Denoël – Gonthier, 1997.

VON FEILITZEN, Cecília. **Educação para a Mídia, Participação Infantil e Democracia.** In Carlsson Ulla e Von Feilitzen, Cecília. (Org.). A criança e a mídia: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Promulgada em de 20 de dezembro de 1996.

Filme: **“Mera Coincidência”**, (Wag the Dog) Direção Barry Levinson, Estados Unidos, 1997.